

por las selvas muy espesas y tupidas que no permiten ver muy lejos; lógicamente, ven siempre y en todas partes peligros (sea de parte de diosas sea de parte de otros indios salvajes, enemigos suyos); por eso guardan el silencio más absoluto quando estan en plena selva, por donde vagan en sus cacerías; solamente cuando llegan a puntos más seguros y por donde tienen sus caminos se atreven a hablar; o con otras palabras: donde no hay peligro, se puede hablar; y, por donde no hay peligro, hay caminos.

— **e-resa** — es todo; todo el ser; sentido y explicación que me han dado los indios: en los ojos o en la vista está concentrada toda la vida; los ojos son lo más necesario para la vida; ojos, vista.

— **egatoguti** — c. (probablemente): **egato** + **guti**: “egato” amor que tiene su sede en el corazón, que se encuentra en el lado izquierdo del cuerpo; entonces sería la traducción literal: “por el lado del amor (= corazón), lado izquierdo.

Não há dúvida, como êstes poucos exemplos deixam patente, que as deduições do autor devem ser acatadas com reservas.

Escoimada dêste aspecto, a obra de Fr. Schermair, reafirmamos, é de valor incontestável, e será de consulta obrigatória a todos os estudiosos do tupí-guaraní.

Carlos Drumond

ESTÊVÃO PINTO: Muxarabis & Balcões e outros ensaios. 362 págs., edição ilustrada. Brasiliana, vol. 303. Biblioteca Pedagógica Brasileira. Companhia Editôra Nacional. São Paulo, 1958.

Justifica-se plenamente a decisão de Estêvão Pinto de reunir neste livro uma série de artigos e ensaios anteriormente publicados em revistas nacionais e estrangeiras. É que as contribuições para a Antropologia brasileira, notadamente as que tratam de nossas populações aborígenes, estão, em sua maioria, espalhadas em periódicos de acesso nem sempre fácil, o que não raro significa grande perda de tempo para quem as precise consultar. O recente volume da Brasiliana deve, pois, ser recebido com aplausos. Nêle se enfeixam, além do trabalho “Muxarabis e balcões”, que dá o título ao conjunto, os seguintes ensaios etnológicos e histórico-biográficos: Dados históricos e etnológicos sobre os Pancararu do Taracatu (remanescentes indígenas dos sertões de Pernambuco), Sincretismo religioso afro-brasileiro, Primitivo e linguagem, O Arroz e os Tupiniquim da baía Cabralia, A “santidade”, Práticas medicinais dos Tupí-Guaraní, Aspectos da educação entre os nossos remanescentes indígenas, Alguns ritos característicos dos Tupinambá do Brasil, Um mito cosmogônico dos Tupinambá, Introdução à história da Antropologia indígena no Brasil, Tendências atuais da Antropologia; O inglês “Henrique da Costa”, Um homem que viveu a jogar com o destino, Um apaixonado do Recife antigo. Em alguns dêstes trabalhos os temas são tratados de forma relativamente sistemática, outros se reduzem a ligeiras observações sobre o assunto.

Escritos em épocas diversas, vários dêles tiveram de ser atualizados, o que o autor procurou fazer através de notas no fim dos respectivos capítulos. É claro que não se haveria de exigir que reescrevesse os textos para pô-los em dia. Caberia, porém, uma revisão mais cuidadosa, a fim de se eliminarem os lapsos principais.

Nem sempre, o que é inevitável, o leitor acompanhará o autor em suas conceituações ou interpretações. O muxaribi, tipo de balcão comum

na arquitetura colonial brasileira, e descrito como elemento característico da "cultura berbero-arábica", é designado como "complexo cultural", por causa de sua ligação com "costumes sociais de formação mourisca" (pág. 24). Tal emprêgo do conceito de "complexo cultural" não nos parece feliz; a nosso ver a escolha de um determinado elemento no intuito de através dêle, caracterizar todo um complexo deveria incidir de preferência num elemento não acidental, mas nuclear, ou pelo menos essencial para a compreensão do conjunto. É o que se faz quando, em Antropologia, se fala no complexo da mandioca, no do cavalo e assim por diante.

Vários assuntos mereceriam tratamento menos superficial. Escudado numa bibliografia de dezenas de títulos, Estêvão Pinto estuda, num capítulo de quatro páginas, as analogias ou correspondências entre os pajés tupinambá e as "santidades", como a que chefiou o movimento sebastianista de Pedra Bonita. Chega à conclusão de que a "santidade" "tem as suas raízes no pajé" (pág. 84), sem, no entanto, aprofundar a discussão do problema das origens culturais do sebastianismo brasileiro e sem analisar satisfatoriamente a liderança religiosa entre os Tupinambá. A êste respeito, ensina-nos, numa nota, ter sido refutada por Florestan Fernandes uma teoria nossa, "a de o poder político dos pajés basear-se em suas fôrças sobrenaturais" (pág. 88). Entretanto, não há aí nenhuma teoria, mas apenas duas opiniões contrárias.

Ao discorrer sôbre as tendências atuais da Antropologia, Estêvão Pinto perdeu excelente oportunidade de dar ao leitor brasileiro uma idéia precisa dos temas centrais da moderna Ciência do Homem e dos métodos nela empregados. Quais as bases teóricas da atual imagem científica da natureza humana? Quais as conseqüências a que levam as diferentes perspectivas — a histórico-cultural, a funcionalista, a estruturalista e outras mais — na formulação e no tratamento dos problemas que o antropólogo se propõe investigar? Estará certo que a "própria finalidade" da Antropologia moderna se resumiria, preponderantemente, no estudo "dos fenômenos provenientes dos contactos de cultura"? Estas e outras perguntas fá-las-á por certo o leitor desprevenido das poucas páginas com que o autor remata a segunda parte do volume.

O trabalho melhor do livro, e também o mais extenso, é o dedicado à contribuição seiscentista para o conhecimento das culturas indígenas do Brasil. Apesar de algumas pequenas contradições, entre elas a caracterização baseada em Almir de Andrade, do Padre Nóbrega como a um tempo intolerante e objetivo em sua atitude em face dos índios (pág. 194), o autor informa, de maneira sempre viva e interessante, sôbre o conteúdo etnográfico dos relatos deixados pelos primeiros viajantes, cronistas e missionários que estiveram entre os índios da faixa litorânea e salienta também, de permeio, a forma assumida pelas relações entre os aborígenes e os adventícios. Trata-se de um dos melhores estudos históricos até hoje escritos sôbre aquela fase inicial, pré-científica, da Etnografia brasileira. A sua leitura deve ser recomendada principalmente aos estudantes universitários que procurem ter uma primeira orientação segura sôbre a matéria.

Com seus altos e baixos, os seus trabalhos de cunho mais analítico alternando com páginas ligeiras, escritas ao correr da pena, o volume, encarado em conjunto, representa sem dúvida um enriquecimento da literatura antropológica do Brasil.